



ETNOBOTÂNICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: TECENDO SABERES TRADICIONAIS E CIENTÍFICOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS

Jadna S. R. Coral^{1*}, Murilo G. Rocha¹, Caroline V. Búrigo¹, Jéssica Premoli¹, Angela E. Rossato¹, Vanilde Citadini-Zanette¹

¹Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil.

*jadrosso@unescc.net.

INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais é uma dádiva que passa de geração em geração. Desde a pré-história, em todas as culturas, a humanidade faz uso de plantas medicinais para a manutenção da saúde, alívio e cura das doenças (1). Buscando compreender a utilização de plantas pelos seres humanos ao longo do tempo, incluindo aquelas utilizadas como medicinais, destaca-se a etnobotânica, uma das etnociências que se dedicam a compreender as diferentes interações entre os seres humanos e o meio ambiente, por meio de técnicas, teorias, métodos e análises (2). Com o avanço da tecnologia médica e a urbanização, observa-se um distanciamento do uso e cultivo de plantas medicinais por parte de muitas famílias. Contudo, o resgate dessa prática é de extrema importância para que o conhecimento tradicional não se perca. Neste contexto, o ambiente escolar surge como o local ideal para fomentar essa discussão. Incorporar práticas de educação ambiental que promovam a sensibilização e o encantamento por conteúdos botânicos torna-se fundamental para transformar a relação dos estudantes com as espécies vegetais (3). Conversar sobre as plantas medicinais no ambiente escolar não apenas diversifica as atividades pedagógicas, mas também se estabelece como um poderoso veículo para a educação ambiental e a investigação etnobotânica. Os saberes populares e comunitários tornam-se ainda mais significativos quando inseridos em contextos que valorizem saberes, histórias e culturas. O Projeto Fitoterapia Racional, desenvolvido no extremo sul de Santa Catarina, exemplifica essa perspectiva ao adotar a ecologia de saberes como abordagem integradora entre conhecimentos tradicionais e científicos e serviu de inspiração para a realização dessas atividades. Ao promover ações que unem ciência e tradição, fortalecem-se as práticas educativas e incentiva-se o resgate do saber popular e tradicional das famílias, dialogando diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

OBJETIVOS

Investigar quais espécies medicinais são mais conhecidas pelos estudantes e quais suas fontes de informação. Avaliar os efeitos de práticas pedagógicas interativas na sensibilização ambiental e no interesse por botânica. Analisar o potencial do ambiente escolar na valorização do saber popular e tradicional sobre plantas medicinais. Discutir a integração entre etnobotânica, educação ambiental e alfabetização científica como estratégia de conservação do saber tradicional e promoção da saúde.

METODOLOGIA

Relato de experiência desenvolvido a partir de atividades pedagógicas voltadas ao tema plantas medicinais, realizadas com duas turmas do 4º ano do ensino fundamental em uma



escola particular no município de Criciúma/SC. Participaram das atividades 46 alunos com idade entre nove e dez anos, ao longo de quatro encontros entre os dias 08 de maio e 21 de junho de 2024. No primeiro encontro, foi realizada uma entrevista de grupo (4), onde os participantes responderam a um questionário simples sobre plantas medicinais. Antes da entrevista foi abordada a importância do conhecimento popular e tradicional para a conservação de espécies vegetais e dos saberes familiares e comunitários. Através de técnica projetiva (5), imagens de plantas medicinais foram mostradas para os participantes com seu nome científico, objetivando o reconhecimento das espécies disponíveis nos seus quintais. No segundo encontro foi realizada uma visita ao Horto Didático de Plantas Medicinais – UNESC (HDPM-UNESC), onde os alunos puderam observar o ambiente adequado para o cultivo e manejo de espécies e a coleta de um ramo medicinal para posterior prensagem. Em sala de aula, os alunos observaram a técnica de prensagem do material vegetal coletado para posterior envio ao Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz da UNESC. No terceiro encontro, os alunos confeccionaram quadros botânicos com o ramo da espécie de planta medicinal coletada no HDPM-UNESC. Para a confecção dos quadros botânicos foram utilizadas folhas de acetato transparente tamanho A4, cartolinas coloridas tamanho A4, tesoura, régua, lápis, borracha, cola branca, materiais para colorir, fita dupla face, fita adesiva transparente e barbante. No último encontro ocorreu a confecção de terrários com plantas medicinais e ornamentais.

RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados do questionário aplicado no primeiro encontro demonstraram que os estudantes já possuíam um repertório expressivo sobre plantas medicinais, citando espontaneamente 13 espécies utilizadas para tratar principalmente dores, febre e tosse. As plantas mais citadas foram *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Mentha x piperita* L. (hortelã) e *Matricaria chamomilla* L. (camomila), totalizando 17, 16 e 15 menções, respectivamente. As principais fontes desse conhecimento foram familiares, especialmente pais e avós. Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Antonelli (2) e colaboradores, confirmando que a origem do conhecimento dos alunos se dá de forma transgeracional, onde o conhecimento é transmitido de geração em geração, através de práticas, histórias e tradições. No entanto, também foi registrada a utilização da internet como fonte de pesquisa sobre as plantas e seus usos, reforçando um estudo que aponta que é cada vez mais comum que os usuários de internet façam a leitura de reportagens, escutem e vejam conteúdos jornalísticos especialmente nas plataformas digitais (6). Os autores alertam ainda sobre a disseminação de conteúdos falsos, especialmente na área da saúde, destacando a importância de formar cidadãos críticos e capazes de verificar as informações acessadas. As atividades práticas, como a visita ao Horto Didático de Plantas Medicinais da UNESC, a construção de quadros botânicos e terrários, geraram um alto engajamento dos alunos. Durante a visita ao horto, foi possível observar o encantamento dos estudantes ao vivenciarem o contato direto com a natureza, estimulando sentidos como tato, olfato e paladar. Muitos reconheceram as espécies disponíveis e relataram tê-las em casa ou na casa de parentes. Louv (7) diz que ambientes naturais são como uma lousa em branco, na qual a criança desenha e reinterpreta as fantasias da cultura, onde a natureza inspira a criatividade na criança ao exigir a visualização e o pleno uso dos sentidos. Evidências científicas indicam que a exposição direta à natureza é essencial para a saúde física e emocional e pode melhorar as habilidades cognitivas de todas as crianças (7). O envolvimento nas atividades manuais demonstrou que o uso das plantas como recurso pedagógico favorece o aprendizado, a socialização e a valorização do meio ambiente. A



realização das atividades com os alunos mostrou que a escola pode se constituir como um espaço significativo para o resgate do saber popular. Ao serem questionados se tinham interesse em aprender sobre plantas medicinais na escola, 78,2% dos alunos responderam positivamente, e 65,2% relataram nunca terem falado sobre plantas medicinais na escola. Em um estudo similar realizado com 29 alunos do ensino fundamental de uma escola pública no sul do Brasil, Antonelli (2) e colaboradores trazem que 86,2% dos alunos entrevistados afirmaram ter interesse em aprender mais sobre plantas medicinais na escola e 51,7% mencionaram nunca ter ouvido sobre as plantas medicinais no ambiente escolar. Esses dados evidenciam o reconhecimento da escola como lugar legítimo para a troca de conhecimentos sobre plantas medicinais, reforçando o papel da educação formal na valorização das práticas culturais e tradicionais. O saber popular precisa ser resgatado nas salas de aula, porque busca desvelar as nossas raízes históricas nos aproximando da natureza e do outro, em uma perspectiva de pensamento coletivo, crítico e reflexivo (8). A abordagem adotada durante os encontros permitiu a articulação de diferentes áreas do conhecimento, promovendo um processo educativo interdisciplinar. O conteúdo relacionado às plantas medicinais serviu de ponte entre a botânica, a cultura popular, a saúde e a educação ambiental. As atividades pedagógicas com plantas medicinais nas séries iniciais não devem se limitar somente às pesquisas das receitas de remédios caseiros, ou desenhos e colagem de folhas, pois envolvem o contexto ambiental e cultural no sentido do cultivo, no conhecimento de suas funções, inclusive, na sensibilização para conservação do meio e da tradição (8). Essas atividades promovem a conexão com a natureza, conscientização e responsabilidade ambiental, combatendo a impercepção botânica, valorizando os saberes ancestrais e a diversidade de saberes a partir da interação com a realidade local dos estudantes. A etnobotânica, enquanto campo de estudo que investiga as interações entre humanos e plantas (2), mostrou-se especialmente relevante para contextualizar o uso das espécies vegetais no cotidiano das famílias dos estudantes. É essencial promover práticas que encantem e aproximem os estudantes dos conteúdos botânicos, possibilitando uma nova forma de se relacionar com a natureza e com o conhecimento científico (3). A realização das atividades reforçou essa perspectiva, ao integrar saberes populares com práticas escolares significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar é um espaço fundamental para estimular a curiosidade e o aprendizado. Trabalhar com plantas medicinais permite abordar não apenas questões de saúde, mas também o resgate do saber popular e tradicional, a valorização do conhecimento de mulheres e idosos e a conservação ambiental. A proposta pode ser tratada de forma transdisciplinar, conectando diferentes áreas do conhecimento e aproximando o conteúdo escolar do cotidiano dos estudantes de maneira criativa e significativa. Essa atividade dialoga diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especialmente: ODS 3 (Saúde e Bem-estar), ODS 4 (Educação de Qualidade), ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e ODS 15 (Vida Terrestre), ao promover a educação ambiental, o cuidado com a saúde e a valorização da biodiversidade e dos saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS



1. Rossato A, Dal-Bó S, Citadini-Zanette V. Fitoterapia baseada em evidências e experiências aplicada à prática clínica. Ponta Grossa: Editora Atena; 2024.
2. Antonelli IB, Varela EP, Citadini-Zanette V. Percepção e conhecimento sobre plantas medicinais em uma escola no sul do Brasil. Revista ACTIO: Docência em Ciências. 2024;9(3). Available from: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/18363>.
3. Sandrini JG, Moraes AGF, Funez LA, Santos R dos, Elias GA. Educação Ambiental ilustrada: mitigando a impercepção botânica e conservando a flora endêmica na Serra do Rio do Rastro (SC). Rev Bras Educ Ambient (RevBEA) [Internet]. 2025;20(2):526-45. doi: 10.34024/revbea.2025.v20.20147.
4. Schrader A. Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento de projetos de pesquisa não experimentais, com a colaboração de Magdalene Malwitz-Schutte e Jurgen Sell. 2nd ed. Porto Alegre: Globo; 1978.
5. Kay D. Indo além das palavras: como os pesquisadores estão usando técnicas projetivas para entender melhor visão das marcas das pessoas. Revista Marketing. 2001;106(44):249-55.
6. Monari ACP, Bertolli Filho C. Saúde sem Fake News: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no Canal de Informação e Checagem de Fake News do Ministério da Saúde. Rev Mídia Cotidiano [Internet]. 2019;13(1):160-86. Available from: <https://www.researchgate.net/publication/335999406>.
7. Louv R. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. 2nd ed. Carolina do Norte: Editora Algonquin Books of Chapel Hill; 2008.
8. Souza SP, Souza RBA, Martins GF, Eakafaz CCS, Cunha ACMC. Plantas Medicinais e Saberes Populares na educação ambiental em uma escola municipal de Parintins - AM. Brazilian Journal of Development. [Internet]. 2021;7(3). doi: 10.34117/bjdv7n3-388.

AGRADECIMENTOS

Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI) – UNESC; Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC); Curso de Ciências Biológicas (UNESC); Grupo de Extensão e Pesquisa em Assistência Farmacêutica – GEPAF/UNESC).